

Zé Ninguém

O dia ainda nem começara e José já estava de pé, no seu barraco. Olhou pela janela e viu, de cima do morro, as luzes ainda acesas e o movimento dos trabalhadores em direção ao centro da cidade. Era uma longa viagem, no mínimo duas horas e duas conduções, ônibus e trem.

Num só gole, bebeu o resto do café que estava numa caneca e, antes de sair, abriu a cortina que dividia o único cômodo em que vivia, para contemplar a sua família, mulher e três filhos, que apesar de toda a dificuldade, dormiam tranquilos sob a proteção de uma imagem da mãe de Deus.

José saía sempre bem cedo, muito antes de Vida acordar e levar as crianças para a creche. Ela precisava deixá-los lá porque assim garantia pelo menos três refeições para os pequenos, além disso, ficava fora o dia todo para cumprir a sua jornada de trabalho como doméstica, numa casa de classe média, localizada num bairro não muito distante dali. Era com o dinheiro desse serviço que conseguiam pagar as contas já que José ganhava muito pouco como ajudante na construção civil e gastava quase tudo com transporte, alimentação num restaurante popular onde pagava um real pela refeição, uma vez que não tinha o que levar de casa e, por fim, com o pagamento de um empréstimo feito há alguns anos para ajudar um irmão, numa dessas instituições financeiras que não pedem nenhum tipo de garantia, mas que sabem muito bem como cobrar seus devedores. Não seria nem preciso dizer, porém é bom deixar registrado, que o irmão de José nunca lhe devolveu um centavo sequer.

Antes de apagar a luz, ele se demorou um pouco mais que nos outros dias, olhando aqueles a quem muito amava. Fitou um por um, como que pedindo desculpas por tanto sofrimento e só então partiu para mais um dia de luta, vestindo como sempre, a velha calça azul que Vida ganhara do patrão junto com várias roupas usadas para as crianças, uma camiseta da última campanha eleitoral e os inseparáveis chinelos de tiras, que não trocava por nada, nem mesmo pelas botas que precisava usar, muito a contra gosto, nas obras em que trabalhava.

No ponto de ônibus, apenas com o passe na mão, que servia para a circular e para o trem, José aguardou os minutos costumeiros enquanto cumprimentava cada um que chegava e se posicionava na fila. Eram sempre as mesmas pessoas e todos se conheciam, numa intimidade tal qual de uma grande família. Ali discutiam os problemas do dia-a-dia e até mesmo os conflitos particulares, quando não faltavam

opiniões, conselhos, apoios e reprovações. A viagem era bem divertida e, por quase uma hora falava-se de tudo, até o motorista participava da conversa, pois ele diariamente fazia aquele horário e era considerado também um membro daquela alegre família.

Quando chegaram ao ponto final, que na verdade era um terminal de integração entre ônibus e trens, cada um seguiu o seu destino e José caminhou rapidamente. Tinha poucos minutos para tomar a composição que seguiria para o centro e, naquele horário, devido ao grande movimento de usuários, qualquer bobeadia significaria não conseguir entrar em nenhum vagão. O próximo trem partiria só depois de meia hora, mas José, que nunca perdera o horário, mais uma vez venceu os seus adversários e dessa vez com uma vantagem tão grande que até conseguiu um assento livre. Não era na janela, mas foi muito festejado, pois demorava mais de uma hora para chegar ao seu destino.

O balanço do trem fez com que José cochilasse e até sonhasse com a sua família, estavam todos bem e era possível notar um pequeno sorriso em seu rosto. Ao ouvir a chamada, "Estação Centro", acordou assustado e nem esperou as portas se abrirem totalmente. Saiu e correu para as catracas. Atrás dele, uma multidão, um formigueiro humano deixava os vagões na esperança de que todos passassem ao mesmo tempo pelos portões de saída. Quem ficou para trás teve que esperar bem uns cinco minutos até que a passagem ficasse livre. Cinco minutos que pareciam uma eternidade para as pessoas que eram conduzidas pelo corre-corre e agitação de mais um dia de trabalho.

Havia muita gente na praça em frente à estação, mas José estava tão acostumado com todo aquele movimento que atravessou o quarteirão sem desviar o seu caminho e também sem um único esbarrão, fato que poderia provocar a ira dos engravatados homens de negócio que dividiam aquele espaço com vendedores ambulantes e pedintes. Antes de cruzar a avenida, resolveu sentar um pouco num banco de concreto, bem na direção do portão de entrada da obra em que trabalhava. Olhou para cima e viu a imponência dos quarentas andares do prédio que estavam construindo. Todos sabiam que era um edifício comercial e que abrigaria os escritórios de um dos homens mais ricos do país.

José fazia parte do grupo de heróis que levantavam aquele colosso, mas o sentimento de orgulho não era suficiente para encher a barriga das suas crianças nem ajudar Vida a cumprir com as obrigações financeiras. O máximo que conseguia era se manter e, pelo menos, não proporcionar mais uma despesa que diminuísse o minguado salário da esposa. A fila no portão foi aumentando, faltava ainda um tempo para o início do turno e José decidiu ficar ali, sentado, olhando. Pensou no lanche da manhã que era

servido logo após bater o ponto, um copo de leite com café e um pão com manteiga, mas nem isso conseguiu fazê-lo se mover.

A verdade era que ele não queria mais continuar apenas sobrevivendo, sem oferecer o mínimo às pessoas que estavam à sua volta, sendo um inútil para a sociedade. Era assim que José se sentia, um inútil. Foram muitas as tentativas de conseguir um bom emprego até começar a trabalhar como ajudante geral, única solução para o homem que nunca estudara e nem sabia, ao menos, escrever o próprio nome. Sem um ofício, as negativas se sucederam até que, indicado por um amigo da favela, fichou numa construção e nunca mais parou. De obra em obra o tempo foi passando, mas agora, José estava decidido. Não queria mais aquela vida. Precisava fazer algo para mudar sua triste sina.

Levantou-se e foi em direção oposta ao portão da obra, o qual continuava recebendo um exército de trabalhadores, muitos deles na mesma situação, mas ainda esperançosos de que a vida pudesse melhorar. Caminhou lentamente até a velha banca de jornal localizada no centro da praça. Não sabia muito o que procuraria ali, mas começou a olhar, junto com outras pessoas, as fotos das primeiras páginas dos jornais, que ficavam penduradas, em exposição. Ao ver a imagem do presidente estampada em um dos diários, perguntou, meio constrangido, para um senhor já idoso, que notícia era aquela.

O velhinho, muito atencioso, contou a José que o Presidente da República estaria à tarde na cidade e receberia o povo para ouvir quais seriam as suas necessidades. Diante do semblante curioso do homem que não sabia ler, o narrador continuou a sua explanação, informando que tal encontro se daria às treze horas num conhecido hotel do centro. O rosto de José se iluminou, pois enxergava a chance que tanto esperava. Agradeceu carinhosamente o senhor que lhe apresentava um novo caminho e iniciou a sua romaria em direção ao hotel onde encontraria o chefe da nação. Ele conhecia muito bem o local, pois trabalhara na sua construção, um dos prédios mais bonitos que ajudou a levantar.

Chegando lá, ainda no período da manhã, observou todo o movimento em frente ao hotel. Cordas impediam a passagem das pessoas que quisessem caminhar em direção à pequena rua que dava acesso à porta principal. Os seguranças, todos armados diga-se de passagem, só permitiam qualquer circulação mediante a apresentação de credenciais previamente fornecidas e José, que estava bem próximo a uma dessas barreiras, foi abordado e inquirido sobre a sua autorização.

Perguntado se pertencia a algum movimento não governamental, sindical ou religioso, o humilde homem não soube nem o que responder e disse apenas que precisava levar ao presidente um comunicado, relatando não só a sua situação, mas a de milhões de pessoas que, como ele, não tinham uma vida digna. Esse argumento fez com que o segurança ainda lhe desse um mínimo de atenção e, com uma lista em mãos perguntou o seu nome, para que pudesse procurar entre aqueles cuja entrada estava permitida.

- O meu nome é José.

- Ora, meu senhor. José de quê? Nesta lista existem vários Josés.

- Só José e muitos também me chamam de Zé.

Diante da ingênua resposta, o segurança percebeu que estava perdendo o seu tempo.

- Infelizmente, meu senhor, não encontrei nenhum Zé Ninguém. Tenha a bondade de se retirar.

José sentiu como se uma faca atingisse em cheio o seu coração. José... Zé Ninguém... Zé Ninguém... Ninguém... Nada... Nada... Naquele momento, o homem se desfigurou. Tentou recorrer à sua memória em busca de algo que convencesse a si mesmo de que realmente existia, que tinha feito alguma coisa importante. Foi traído pela sua própria mente e não conseguiu enxergar um só instante em que pudesse se apoiar.

José estava debilitado, arrasado, e nem a imagem da sua família, pobre, mas feliz, veio em seu socorro. Sem rumo, começou a andar. Durante horas não discerniu o que estava fazendo. Simplesmente andou. Zé Ninguém... Zé Ninguém... Zé Ninguém... Ouviu um som conhecido ao longe, um grito, um apito. Apito de trem, sim apito de trem e José voltou à realidade. Seu velho companheiro de tantas viagens, às vezes sentado, às vezes de pé. Conseguiu passar por entre a tela de arame que impedia o acesso dos pedestres à linha férrea. E lá vinha o seu amigo. Uma felicidade, como nunca sentira antes, tomou conta de José, que se sentiu confiante.

Ele colocou a mão no bolso e lá estava o passe de volta, trem e ônibus. Notou a grande distância da plataforma de embarque, mas não correu. Esperou o comboio que se aproximava. O apito era ouvido a cada passagem de nível. O Zé estava decidido de que aquela seria a sua última viagem e quando a composição estava a poucos metros correu em direção à linha. Ouviu-se um apito longo e o barulho do ferro das rodas se

arrastando sobre os trilhos. O corpo foi atingido em cheio, de modo que a sua identificação foi impossível, além disso, ele não portava nenhum tipo de documento.

Passados alguns dias, lágrimas correram, pois considerou-se que José havia abandonado Vida e os pequenos, porém, em pouco tempo, tudo estava superado e o mundo continuava girando, da mesma forma, como se nada tivesse acontecido. Os seus restos mortais foram sepultados como pertencentes a um indigente, sem nome, nem mesmo Zé ou Zé Ninguém.

Vitor Fernandes